



Impulso na investigação e desenvolvimento

Fazer investigação e desenvolvimento em Portugal ainda é um mito. Não são as raras excepções, que sobrevivem ao sacrifício, a constituir regra. A verdade é bem diferente e crua. Começa pela quota extremamente baixa do entrosamento orçamental. Acentua-se este aspecto fundamental, que não é único, pois entregar dinheiro ao desbarato, sem rei nem roque, nada ou muito pouco adianta. Igualmente essencial é a existência de estruturas adequadas, capazes de facultar condições aos jovens investigadores, com enquadramento a vários níveis: inserção apoiada no trabalho, carreira profissional segura, objectivos de produção, mentalização de competitividade e perspectiva de marketing, entre outros atributos inerentes à moderna filosofia de inovação que se vive em todo este mundo de mutação acelerada.

Quando se olha por cima do que se passa nas universidades portuguesas nota-se uma desadequação flagrante relativamente a estes parâmetros. Aí campeia a desordem, reina a desagregação e grassa a inveja, afinal da nulidade, porquanto a lentidão do progresso encarrega-se sempre de levar qualquer ideia pioneira ao mais puro obsolescência.

Contra tais males só grandes remédios. Mas têm sido aplicadas apenas lambuzadelas de xaropes, que não dão para desinfecção nem sarar. O problema deve ser visto a nível nacional e integrado num certo plano de desenvolvimento, que não existe. O diagnóstico não

é inédito. Os esforços iniciados por diferentes organismos no sentido de promover uma alteração pontual da situação são bem o testemunho desse reconhecimento. No entanto a iniciativa individual, aqui ou ali, quantas vezes em ambientes vocacionados para outros misteres, nunca consegue extrair a almejada grandiosidade de dentro da pequenez.

A criação de institutos com objectivos especificados parece ser a saída mais correcta. Mas que se molde às suas atribuições a procura de resultados finais. Não basta a compreensão aristotélica das coisas, longe da geração maquínica. Transportar a mentalidade académica para esses novos centros de investigação e desenvolvimento corresponde a sentenciar um projecto bem intencionado ao fracasso, mais uma vez. O aproveitamento dos investigadores universitários é condição necessária de êxito mas não é suficiente. Torna-se indispensável caldear efectivamente as suas perspectivas com as preocupações dos investigadores industriais. E isto não se consegue por milagre: exige convivência participada.

Por cima de tudo sobressai então a eminente questão da coordenação motivadora. Tão elevado papel, predestinado à JNICT, começa a ser encarado sadiamente, desde que a presidência do Prof. Mariano Gago tomou conta das linhas de comando. A abertura de concursos para financiamento de projectos de investigação e desenvolvimento em determinadas áreas, com a participação mista de instituições

de investigação e empresas industriais, reforça esta opinião, sobretudo pela metodologia vivificada: discussão pública das propostas apresentadas.

No decurso do mês de Novembro foram analisadas, num anfiteatro do Forum Picoas, muitas dezenas desses projectos, por intermédio de painéis de avaliadores e com a presença de quem diz, particularmente de alguns planeadores das estratégias políticas nacionais. As áreas contempladas estenderam-se pelos novos materiais, medicina preventiva, biotecnologia, tecnologia dos sistemas agrícolas & recursos da floresta e produtos florestais, recursos hídricos (mar), economia e sociologia do desenvolvimento, sistemas automatizados de produção e controlo & tecnologias de informação e ainda ciências do ambiente. A experiência foi notável, pelos objectivos que a emanaram e à custa do método de os atingir: informação pública da comunidade científica acerca dos projectos vertentes e reforço pessoal da qualidade do processo de avaliação e selecção, além de um intercâmbio natural e profícuo entre investigadores. Esta última componente abre as portas a um salutar convívio da comunidade científica e tecnologia, que não existe, infelizmente, por falta de tradição.

O aplauso exige continuação e máxima reprodutividade.